

G.S. Morson e C. Emerson – ***Mikhail Bakhtin:
criação de uma prosaística.***

Trad. de Antonio de Paula Danesi. São Paulo: Edusp, 2008.

João Vianney Cavalcanti Nuto

Iniciada nos anos vinte do século passado, a obra de Mikhail Bakhtin tem exercido cada vez mais influência nos estudos da cultura. Transcendendo as circunstâncias históricas específicas em que foi produzida, renova-se na eficácia em atender a questões contemporâneas, ultrapassando a voga de escolas como o Estruturalismo, já criticado pelo filósofo trinta anos antes do seu auge no Ocidente, nos anos de 1960. Assim, a obra de Bakhtin adquire o estatuto de um clássico: uma referência incontornável, mesmo que para ser refutada em alguns aspectos. Como um clássico, convida não somente à releitura, mas a um diálogo crítico e fecundo que, entre muitos outros méritos, ofereceu soluções satisfatórias para certos impasses metodológicos, como o conflito entre a abordagem sociológica e a abordagem estilística nos estudos literários. A vitalidade do pensamento de Bakhtin é atestada

continuamente pela quantidade de publicações sobre sua obra – utilizada como referência nas mais diversas áreas das humanidades – as quais incluem exposições didáticas, apresentações panorâmicas, explicações de conceitos-chave, interpretações diversas, estudos de influências e comparações com outros pensadores.

Mais que uma simples apresentação ou explicação, o livro *Mikhail Bakhtin: criação de uma prosaística*, de Gary Morson e Caryl Emerson, realiza uma interpretação crítica do conjunto da obra de Mikhail Bakhtin, sem perder de vista as alterações de um pensamento produzido ao longo de sessenta anos. Como observam os autores, livros sobre pensadores tendem a apresentar uma unidade maior que a obra que interpretam, o que, de certa forma, trai o caráter experimental, ensaístico, do pensamento original. Isto é ainda mais válido no caso de Bakhtin, cujo espírito de abertura e inacabamento, contrariava a noção de uma unidade cerrada estabelecida a priori, como também negava a completa falta de unidade, que resultaria em um caráter completamente aleatório. Como sua concepção de romance, o próprio pensamento de Bakhtin pode ser considerado inacabado, pois, se não chega a ser assistemático – como afirmam Michael Holquist e Katerina Clark –, apresenta uma sistematicidade leve, ensaística, aberta para surpresas.

Outras leituras de Bakhtin – como as de Julia Kristeva, Tzvetan Todorov, Michael Holquist e Katerina Clark – tendem a aplainar as incongruências do pensamento de Bakhtin, apresentando como um desenvolvimento contínuo uma concepção inicial pré-formada. Gary Morson e Caryl Emerson, ao contrário, apresentam uma leitura profundamente atenta às descontinuidades que convivem com as recorrências do pensamento bakhtiniano. Entretanto, os autores concordam que a obra de Bakhtin desenvolve-se em torno de três eixos conceituais, que se foram desenvolvendo com o tempo: as noções de prosaística, não-finalização (inacabamento) e diálogo (dialogismo).

Bakhtin é considerado o teórico da prosa por excelência. Em que pese seu gosto pessoal pela poesia – e uma memória excepcional que lhe permitia recitar numerosos poemas de cor –, foi em torno dos problemas da prosa que seu pensamento se desenvolveu.

Essa reflexão profunda sobre a prosa foi chamada de “prosaica”, por oposição à “poética”, no sentido clássico do termo. Morson e Emerson preferem o termo “prosaística”, para referirem-se não apenas a uma estilística da prosa, mas também a um tipo de pensamento filosófico que valoriza os aspectos

cotidianos da vida, em oposição ao pensamento excessivamente abstrato e sistemático. Esta concepção implica não apenas o acréscimo de uma teoria da prosa no âmbito dos estudos literários, mas também a uma nova visão da literatura e da cultura de maneira geral, que permite relacionar os estudos específicos de Bakhtin sobre a prosa com as reflexões éticas dos seus primeiros escritos, as quais valorizam as pequenas decisões éticas cotidianas, singulares, em oposição a uma ética universal e abstrata à maneira kantiana. A noção de prosaística como uma valorização do cotidiano e do assistemático influencia também as reflexões linguísticas de Bakhtin, que exploram a singularidade do enunciado, bem como as “forças centrípetas” (dispersivas e estatificadoras), frequentemente aleatórias, em oposição às “forças centrípetas” (unificadoras e padronizadoras), associadas a um esforço regular – geralmente patrocinado pelas instituições – pela criação de formulações linguísticas e os gêneros do tipo de cultura que Bakhtin denomina “oficial”.

Ao abordarem a concepção bakhtiana do diálogo, os autores têm o cuidado de não reduzi-lo à simples interação de entidades já constituídas isoladamente. O dialogismo precede e ultrapassa o ato do diálogo, pois pressupõe uma dialogicidade interna, independente do diálogo formal, em que cada palavra já se encontra em relação dialógica com palavras de outrem e por seus usos prévios e possíveis em diversos discursos. Mas a dialogicidade interna encontra-se também no próprio indivíduo, em cada ato e em cada campo cultural, constituído sempre em interação com outros. Assim, Bakhtin discorda frontalmente da concepção formalista, em que os discursos e práticas culturais desenvolvem-se em séries isoladas e paralelas. Ao contrário: os campos culturais atuam em constantes interações que diluem suas fronteiras. Se o dialógico não se limita à interação mecânica entre emissor e receptor, a compreensão dialógica também não se limita à plena empatia, em que um dos polos se identifica plenamente com o outro. A compreensão dialógica pressupõe a preservação da diferença, pois não se trata de uma recepção que meramente duplica o outro, mas a um processo criativo que lhe agrega um sentido somente possibilitado pela situação de exterioridade em relação a ele. É este excedente recíproco de visão que Bakhtin valoriza tanto nas relações pessoais como nas trocas culturais. No caso do estudo de outra cultura, por exemplo, Bakhtin condena a tentativa de plena identificação com a cultura alheia como forma de melhor compreendê-la. O verdadeiro diálogo não pode

ser completa empatia nem completo distanciamento, pois é uma relação de complementaridade. O mesmo pode ser dito sobre o papel da “grande temporalidade” nos estudos literários. Nesta expressão que, em alguns usos, lembra o conceito de “longa duração”, de Fernand Braudel, Bakhtin chega a afirmar que as grandes obras levam séculos para serem criadas, pois, em seu processo criador, atuam tanto a imaginação individual do autor quanto a tradição da qual ele se apropria criativamente. A “grande temporalidade” também implica uma série de intervenções dialógicas dos estudos literários, que descobrem nas obras sentidos latentes não pressentidos pelos próprios autores, frutos do contexto em que as obras são recebidas.

Como enfatizam Morson e Emerson, o pensamento bakhtiniano não evoluiu de maneira retilínea, sem descontinuidades. Os autores distinguem quatro períodos. No primeiro período, de 1919 a 1924, Bakhtin, marcado por concepções neokantianas que se empenha em refutar, descobre, na estética, um vínculo entre o ato cognitivo e o ato ético. Esta fase termina com o ensaio “O problema do material do conteúdo e da forma na criação literária”, quando Bakhtin critica os formalistas pela ausência de uma reflexão estética. No segundo período, de 1924 a 1930, Bakhtin, continuando sua crítica às abordagens formalistas, volta-se para as questões da linguagem, que, deste então, tornam-se centrais em sua obra. É nesse período que Bakhtin inicia a elaboração de sua estilística da prosa, que culminaria com a noção de polifonia como característica singular e dominante na obra de Dostoievski. No terceiro período, de 1930 a 1940, Bakhtin aprofunda seu estudo do gênero *romance*, analisando sua evolução; elabora o conceito de *cronotopo* e investiga sua tipologia no desenvolvimento dos gêneros. É também nessa fase que Bakhtin elabora o conceito de carnavalização, como traço dominante da obra de Rabelais, mas também apontado na obra de Dostoievski, na segunda edição do estudo publicado nos anos de 1930. O quarto período, a partir da década de 1950, é marcado por reflexões metafisológicas, em que o filósofo faz um balanço da própria obra e explicita suas concepções sobre a natureza das ciências humanas em contraste com as ciências da natureza. Este período também marca não somente o maior reconhecimento de sua obra no contexto soviético, como também seu gradual descobrimento no Ocidente.

Cada período, enquanto desenvolve novos conceitos, colabora para o refinamento dos conceitos centrais: dialogismo, criação prosaica e inaca-

bamento. Morson e Emerson também apontam, em cada período, além da preocupação temática dominante, diferenças de estilo. Assim, no primeiro período encontramos um estilo marcado pela terminologia neokantiana; a partir do segundo período, começa a desenvolver sua própria voz, incluindo um vocabulário que toma por analogia as ciências da natureza; no terceiro período, o estilo é mais analítico, tornando-se um tanto hiperbólico no livro sobre Rabelais; no quarto período, Bakhtin revela-se mais meditativo e sintético. As particularidades de cada período também se revelam na comparação com as duas edições do estudo sobre Dostoievski; na primeira, as questões relacionadas com a carnavalização e a influência indireta dos gêneros cômicos antigos na obra de Dostoievski têm presença muito discreta. Predomina a reflexão sobre a natureza da prosa e a exploração do discurso prosaico por Dostoievski.

A análise apurada de Morson e Emerson leva-os a um novo posicionamento a respeito de controvertida questão da autoria dos textos bakhtinianos, iniciada em 1970, quando Viatcheslav Ivánov atribuiu a Bakhtin os textos assinados por Volochínov e Medeviédev. No Ocidente, por influência de Clark e Holquist, costuma-se tomar como ponto pacífico a autoria desses textos por Bakhtin. No entanto, Morson e Emerson demonstram a fragilidade dos argumentos dos biógrafos, que se baseiam em anedotas e depoimentos orais um tanto imprecisos. Isto não significa negar a forte influência bakhtiniana naqueles textos. Na verdade, quase todos os argumentos em favor da autoria de Bakhtin podem ser invocados para explicar apenas sua influência determinante. Como defendem os autores, o problema da autoria é mais profundo que simplesmente identificar o verdadeiro autor, pois é decisivo para a interpretação de Bakhtin. Lidos como autores dos livros que assinam, Volochínov e Medeviédev podem ser promovidos de meros seguidores a verdadeiras influências, o que, de certa forma, favorece o próprio pensamento bakhtiniano, tornando mais dialógica as relações intelectuais entre Bakhtin e seu grupo.

A influência dos dois amigos de Bakhtin em sua obra é bastante plausível. Cabe lembrar que Volochínov, além de advogado, era também musicólogo e linguista; e que o pensamento de Bakhtin se volta com mais intensidade para questões linguísticas justamente a partir da publicação do livro *Marxismo e filosofia da linguagem*, assinado por Volochínov. Mas a questão mais

importante diz respeito ao controvertido marxismo de Bakhtin. Como marxista, Bakhtin seria bastante contraditório: por um lado, sempre criticou o método dialético e declarou, em entrevista concedida perto do final de sua vida, nunca ter sido marxista; por outro lado, seria o autor de textos de forte presença marxista, embora de um marxismo diferente daquele que se praticava no seu tempo. A explicação dada por Clark e Holquist é que, para driblar a censura, os textos atribuídos a Bakhtin foram adaptados ao jargão marxista oficial, tendo Volochinov e Medeviédev atuado como editores e copidesques. Neste caso, a recusa de Bakhtin em assinar os textos seria devida à sua recusa intransigente em assumir as adaptações. Uma séria objeção a este argumento é o fato de que a primeira edição de *Problemas da poética de Dostoiévski*, assinado por Bakhtin, com suas críticas veladas à dialética marxista, data de 1929, o mesmo ano de publicação de *Marxismo e filosofia da linguagem*. A respeito da questão da autoria, Morson e Emerson apresentam, com indícios e argumentos convincentes, outra explicação. Admitindo que, apesar da forte presença bakhtiniana, o marxismo dos textos é mais do que um simples dado estilístico, os autores concluem que Volochínov e Medviédev é que eram realmente marxistas. Esta conclusão dá mais coerência à obra do próprio Bakhtin.

Mikhail Bakhtin: criação de uma prosaística tem o grande mérito realizar uma análise crítica profunda à obra de Bakhtin, com o olhar atento para as continuidades, rupturas e discretas contradições de sua evolução. Assim, discute detalhadamente a elaboração dos conceitos não somente na economia interna da obra, mas também na relação com outros pensadores, começando pelos mais próximos, que são Volochínov e Medviédev. Assim, analisam os diversos matizes do conceito de dialogismo; a importância da noção de ato e inacabamento contra toda sistematização cerrada e totalizante, a polifonia como uma orientação filosófica plasmada em forma artística; as relações entre o pensamento de Bakhtin e a psicologia, especialmente em Volochínov e Vigotsky; o gênero não apenas como forma literária, mas como meio imprescindível de pensamento e criação e memória cultural; o gênero literário como potencial de sentidos que ultrapassa as intenções imediatas do autor; o romance como o mais dialógico dos gêneros literários e expressão literária do inacabamento; a noção dialógica de estilo; o cronotopo como referência básica da experiência individual e social e como núcleo do gênero

literário; o riso grotesco como vetor de descentralização cultural e quebra da idealização épica, com função decisiva na formação do gênero romance. Por conhecerem profundamente a obra do filósofo e o contexto em que foi produzida, além de estarem familiarizados com a recepção de Bakhtin no contexto norte-americano, Gary Morson e Caryl Emerson analisam criticamente tanto descontinuidades no desenvolvimento da obra de Bakhtin, como também apontam certas interpretações redutoras. Com isso, apresentam uma contribuição das mais valiosas para a compreensão do pensamento de Mikhail Bakhtin.